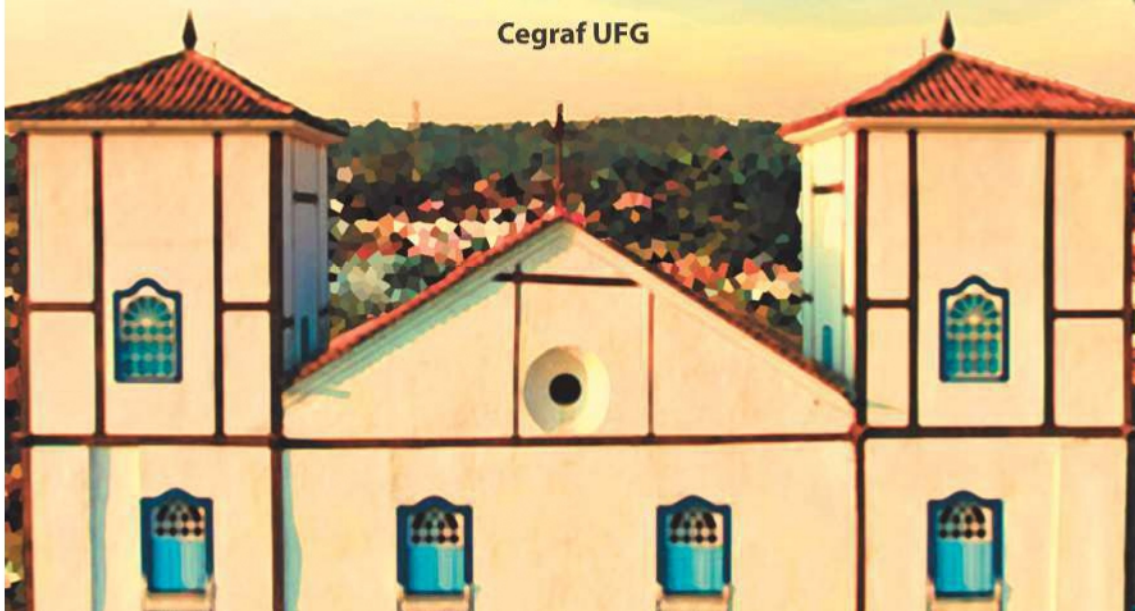


PATRIMÔNIO E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO

Mary Anne Vieira Silva
Ademir Luiz da Silva
Eliézer Cardoso de Oliveira
Ewerton de Freitas Ignácio
Haroldo Reimer
Maria Idelma Vieira D'Abadia
Fabiana Sales Freitas
(organizadores)

Coleção Tessituras do Cerrado

Cegraf UFG





UFG Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Diretora do Cegraf UFG

Maria Lucia Kons



UEG Universidade Estadual de Goiás

Reitor

Antônio Cruvinel Borges Neto

Vice-Reitora

Valcemia Novaes

Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação Interdisciplinar
em Territórios e Expressões

Culturais no Cerrado (Teccer)

Poliene Soares dos Santos Bicalho

Vice-Coordenador do Teccer

Eliézer Cardoso de Oliveira

Conselho Editorial da Coleção Tessituras do Cerrado

Alessandra Seixlack (*Universidade Federal do Rio de Janeiro*)

Carlos Benítez Trinidad (*Universidad de Salamanca*)

Cristiane de Assis Portela (*Universidade de Brasília*)

Els Lagrou (*Universidade Federal do Rio de Janeiro*)

Margarida Queirós (*Universidade de Lisboa*)

Maria Augusta Mundim Vargas (*Universidade Federal de Sergipe*)

Mary C. Karasch (*Oakland University*)

Patrícia Emanuelle Nascimento (*Universidade Federal de Uberlândia*)

Paulo Cesar Rocha (*Universidade Estadual Paulista*)

Ricardo Trevisan (*Universidade de Brasília*)

Sylvio Fausto Gil Filho (*Universidade Federal do Paraná*)



Pelos fios da memória na constituição dos lugares de memória: leituras encantadas de Jaraguá (Goiás – 1983)¹

Valto Elías de Lima
Mary Anne Vieira Silva
Ewerton de Freitas Ignácio

Este capítulo ancora-se nas narrativas elaboradas na tradição oral da região do município de Jaraguá, Goiás, e publicadas no livro *Histórias Populares de Jaraguá*, de 1983, interpenetradas nos contextos histórico-sociais de quando colhidas, entre 1981 e 1982. Recorremos ao método de análise do conteúdo, de modo a investigar as

-
1. Este estudo é parte dos desdobramentos presentes na dissertação defendida por Valto Elías de Lima em 2021 no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás. As contribuições dos professores Mary Anne Vieira Silva e Ewerton de Freitas Ignácio foram agregadas nas supervisões durante o andamento do projeto de pesquisa. Para mais detalhes sobre a pesquisa de mestrado, ver Lima (2021).

representações coletivas que permeiam tais narrativas.² Os organizadores do referido livro recolheram 23 histórias contadas por nove antigos moradores de Jaraguá, entre elas casos de assombração, de bichos, princesas e outros elementos de natureza sobrenatural provenientes do imaginário popular.

A análise de conteúdo como via metodológica possibilita descrever, analisar e interpretar as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, ou melhor, aquilo que está por trás das palavras. Para Bardin (2016, p. 48), trata-se

de um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Ferramentas da pesquisa oral bem como a conjuntura de vidas dos narradores, sujeitos históricos e protagonistas anônimos (Vainfas, 2002), representam caminhos adequados para se entender a própria história da cidade de Jaraguá.

Os temas ou circunstâncias encontradas nas narrativas mantêm, de certa forma, relação com os modos de vida da região, além de promoverem caminhos interlocutórios para acessar o contexto histórico-social dos narradores. Veiculam ainda em suas configurações a religiosidade católica popularizada e entrevista por diversas representações cosmológicas, típicas da formação cultural brasileira.

2. Os contos foram extraídos do livro produzido pelo Ministério da Educação e Cultura denominado *Biblioteca da Vida Rural Brasileira*, que integrava o Projeto de Ações Socioeducativas e Culturais para o Meio-Rural (Pronasec/Rural).

Trilhas metodológicas interpretativas das narrativas do mundo sensível de Jaraguá-GO

Ao nos debruçarmos sobre as histórias contadas no livro, podemos compreender as trajetórias dos atores sociais que as produziram, bem como as ocorrências cotidianas que inspiraram seus contadores. Como contribuição aos estudos da referida região, enfatizamos esses sujeitos, a fim de não os deixar no anonimato absoluto de suas histórias de vida. Estes que, de certo modo, coletivamente, foram protagonistas regionais de importantes momentos históricos. O estudo percorre a linha historiográfica da micro-história, aproveitando, especialmente, as contribuições de Vainfas (2002) e Barros (2012).

Na leitura das histórias publicadas no livro, verifica-se o quão marcante é a presença do elemento sobrenatural na construção dos enredos. As assombrações são signos de mediação das mensagens transmitidas pelos contadores em seus “causos ou casos”. As histórias guardam, assim, íntima semelhança de estilo com os “Contos de encantamento”, definidos por Cascudo (2014) como aqueles que se caracterizam pela presença do sobrenatural: animais que de repente se transformam em príncipes; heróis com poderes superiores que realizam missões humanamente impossíveis, com a interferência de feiticeiras, fadas e talismãs.

Dentre os doze gêneros classificados e caracterizados por Cascudo, escolhemos dois: os “Contos de exemplo”, em cuja moralidade nota-se o valor atribuído ao ensinamento de que o bem e a verdade devem sempre prevalecer na vida; e os “Contos de animais”, que relatam as aventuras dos bichos, no tempo em que eles falavam. Na totalidade das narrativas, a visão encantada e miste-

riosa predomina como maneira de interpretação do mundo onde as personagens estão inseridas.

As histórias apresentam um universo e uma atmosfera que se distinguem pelas situações criadas, pelos seres mágicos encantados que povoam cenários e linguagens. Enfatizamos o fator encantamento para falar das relações de representação e dos papéis do imaginário e da memória no processo discursivo das histórias em questão, na busca por compreender tais histórias populares de Jaraguá como testemunhos que desvelam o mundo sensível e trajetórias de construção sociocultural da comunidade jaraguense, temas centrais no presente estudo.

Nesse sentido, as fontes se enquadram no pensamento historiográfico da micro-história. Segundo Barros (2012), “fonte histórica” é tudo aquilo que, produzido pelo homem, pode nos proporcionar um acesso à compreensão do passado humano,

tanto os já tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o presente do historiador (Barros, 2012, p. 130).

O autor afirma ainda que entre as fontes documentais incluem-se

desde os vestígios arqueológicos e outras fontes de cultura material (a arquitetura de um prédio, uma igreja, as ruas de uma cidade, monumentos, cerâmicas, utensílios da vida cotidiana) até representações pictóricas e

fontes da cultura oral (testemunhos colhidos ou provocados pelo historiador) (Barros, 2012, p. 130).

Essa última fonte ressalta as perspectivas das evidências e heranças imateriais não necessariamente ligadas aos suportes físico e concreto, como as festas dramáticas populares e os ritos religiosos ou até os sistemas reconhecíveis de práticas e representações, os gestos e modos de sociabilidade e os bens relacionados ao chamado “patrimônio imaterial”. Conforme Pedroso (2008), tal processo denomina o paradigma pós-moderno, momento em que houve a reabilitação da memória como fonte histórica, desacreditada pela Ciência dita moderna:

Essa nova concepção do estudo da história, em que se coloca a memória no interior do debate histórico, mostra que existe uma infinidade de vozes e, assim também, variedades de leituras possíveis sobre o passado [...] a ênfase recai na interpretação do sentido das palavras, a hermenêutica, como no estudo da memória, a interpretação do passado (Pedroso, 2008, p. 26).

Os sentidos manifestos ou ocultos das comunicações revelam conteúdos e enunciados dos discursos com novos significados, permitindo o uso do conceito de inferência. Para Bardin (2016), a inferência é, portanto, chave na resolução da análise de conteúdo, na qual residem os propósitos interpretativos que se valem tanto da competência científica quanto da capacidade subjetiva do pesquisador.

De natureza qualitativa, a inferência, para o autor, se faz pelo cadenciamento das etapas de organização, codificação e categorização dos dados. Palavras, verbos e outros termos precisam se relacionar às questões levantadas no problema; ou seja, tornam-se

unidades de registros, de formulação dos indicadores, subsídios de interpretações dos significados ilustrados nas histórias. Vainfas (2002, p. 17) corrobora ao afirmar o surgimento de “uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar”.

Também ganha realce nessa abordagem a noção de interdisciplinaridade, dado que uma nova forma de interpretar os fatos históricos evidencia a necessidade de diálogo com as demais Ciências Humanas. Destacaram-se nessa linha os historiadores Ginzburg (1989) e Levi (1992), que notabilizaram o conceito de analisar dada sociedade segundo finalidades específicas, com base em documentos e fontes, levando em conta os elementos da vida social. Barros (2004, p. 153) sublinha:

O objeto de estudo do micro-historiador não precisa ser, desta forma, o espaço micro-recortado. Pode ser uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um núcleo de representações, uma ocorrência ou qualquer outro aspecto que o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que se dispôs a examinar. Se ele elabora a biografia de um indivíduo (e frequentemente escolherá um indivíduo anônimo), o que estará interessando não é propriamente a biografia desse indivíduo, mas sim os aspectos que poderá perceber através do exame micro-localizado dessa vida.

Nessa perspectiva, imbricam-se os laços entre história e antropologia, particularmente por meio da “descrição densa” de Geertz (1989), pois ao descrever um comportamento, para entender o outro em sua singularidade, é necessário descer às minúcias

dos aspectos culturais estudados. Metodologicamente, deve-se recorrer a vários filtros possíveis de desconstrução do documento a fim de alcançar essências, significados, passados e destinações sociais. Geertz (1989, p. 4) contribui com a seguinte afirmação:

Acreditando, como Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

A cultura, entretanto, é enxergada como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Levi (1992, p. 136) dedica-se a decifrar o emaranhado das histórias vividas, “essencialmente baseadas na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental”. O livro *Histórias Populares de Jaraguá*, organizado por Ione Maria de Oliveira Valadares e Nei Clara de Lima, remete a um mundo encantado e cheio de mistérios. Embora de difícil classificação, a mescla de gêneros literários elabora as narrativas de raízes orais, apresentando-as como combinação entre lendas e fábulas.

Porém, independentemente do gênero a que pertencem, tais narrativas representam um conjunto de imaginários sociais produzidos pelas pessoas em suas vivências, acumulados ao longo da tricentenária trajetória de formação do povo jaraguense. Formas de transmitir o mundo ficcional, entremeadas nos conceitos sociais, morais e éticos aceitos pela sociedade, tornaram-se o folclore da cidade e são um legado da cultura popular local.

O imaginário, conforme Pierre Nora (1993), tem como um de seus pontos de referência, e de lembrança, os lugares de memória: “A memória pendura-se em lugares, assim como a história em acontecimentos” (Nora, 1993, p. 25). Essa noção de lugar de memória revela um pouco da história de Jaraguá por acreditarmos ser um componente importante para compreensão dos contextos dos quais a cultura da cidade foi sendo tecida. Nessa teia, um elemento que se destaca e se configura como um patrimônio imaterial de sua gente são as histórias contadas entre seus moradores, narrativas trazidas de diversas regiões do Brasil por meio da tradição oral e que, ao longo do tempo, foram sendo adaptadas ao contexto local e ao linguajar próprio das pessoas do povo.

Como era de costume na região, principalmente no tempo em que não havia luz elétrica, o entretenimento noturno às vezes era as pessoas se sentarem para contar, ouvir e aprender com as histórias, também chamadas de “causos” ou “casos”, nas pequenas cidades e no meio rural goiano. As narrativas carregam propósitos diversos: em alguns momentos, pretendem educar o ouvinte; em outros, sugerir uma reflexão sobre uma situação; em outros, são apenas uma diversão.

É fato que a cidade estudada recebeu contingentes migratórios pelos quais pessoas de diversas localidades e regiões do país, com suas experiências de vida e memórias, para lá se mudaram, promovendo uma acumulação diversa de hábitos, valores e costumes centralizados num ponto de convergência. A religiosidade católica, única nos tempos de origem da cidade e predominante durante um longo período, sofreu as influências das crendices indígenas e dos negros de origem africana.

Da tessitura subjetiva de práticas sociais dessa interação diversa definiram-se as construções simbólicas que dada comunidade forjou, tendo como legado cultural as histórias que fazem parte das representações sociais que a construíram, expressas na forma de literatura oral. As narrativas revelam, na própria característica não erudita da linguagem, a origem popular de seus enunciadores e, por isso, buscamos destacar o papel social das pessoas comuns cujas sagas familiares e historicidades particulares amalgamaram-se à construção histórica da cidade e do território regional, mas que vivem no anonimato pela história oficial.

Em uma tentativa de perseguir a inspiração do escritor goiano Bernardo Élis, visto que, segundo Santos (2017, p. 152), o conhecimento que versa

sobre estórias populares, sobre a lua, plantas e animais, fincou no íntimo do escritor seu encantamento pela paisagem do sertão goiano, assim como o seu despertar para o mundo de causos e estórias ancestrais do folclore, de assombrações, fadas, e fantasias remotas do mais profundo sertão, com preciosas expressões dialetais antigas.

Neste estudo ressaltamos a cultura popular jaraguense, as histórias populares, narrativas permeadas de crendices e forte influência do catolicismo popular. A tradição de contar histórias foi, durante muito tempo, uma característica cultural da cidade, o que, acreditamos, pode ter sido a motivação para que ela fosse escolhida para estar na rota de desenvolvimento do projeto Biblioteca da Vida Rural Brasileira, que culminou na pesquisa e catalogação das histórias, que se converteu na publicação do livro *Histórias Populares de Jaraguá*.

Os aspectos histórico-sociais do processo de fundação da cidade; do percurso de seu povoamento, desde os tempos remotos do período colonial aurífero; a passagem dos períodos das repúblicas; o início da década de 1980 e as questões de ordem política, religiosa e cultural são compreendidas no tempo histórico e social que permeia a construção da memória do povo jaraguense, reverberada nas histórias examinadas neste capítulo.

Com as noções de “lugares de memória” e de “vontade de memória”, Pierre Nora (1993) enfatiza que a vontade de memória se refere a uma “intenção” memorialista e a uma construção de identidade. Essa vontade de memória advém do conceito de “lugares de memória” desenvolvido pelo autor. Para ele, um lugar só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica:

Os lugares de memória são primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquiram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica (Nora, 1993, p. 12-13).

Com base em Jacques Le Goff (2003), podemos constatar que a memória é um elemento primordial do que se convencionou

chamar de identidade, seja ela individual ou coletiva, cuja busca é constante, das pessoas e da própria sociedade, em contínuas lutas de dominação da recordação e da tradição, estabelecendo aquilo que deve ser lembrado e aquilo que deve ser esquecido. É um processo que demanda a manipulação da reminiscência, envolvendo às vezes uma tentativa de apagar da memória coletiva o passado em prol de reconstrução conveniente de outra memória.

Pollak (1989, p. 4), ao teorizar sobre “trabalho de constituição e de formalização das memórias”, faz notar que o conceito de Memória se beneficia de outros; não basta que ela nos traga apenas o testemunho, mas, sim, pontos de convergência entre aquilo que queremos afirmar e as memórias de nossos testemunhos. Somente por meio de encontros é que é compartilhada uma certa identidade ao grupo. Logo, podemos reconstruir as lembranças do passado sobre uma base comum. Urge, então, os lugares de memória, nos quais sua materialização é antecedida pela produção e difusão de certas ideias sobre os fatos e personagens envolvidos. Portanto, em Jaraguá, é sob olhares de dinamismo econômico, fé católica, práticas mestiçadas do catolicismo e da intensa mobilidade populacional que se constrói a diversidade do sistema simbólico local, configurado nos fios da memória.

Análises das narrativas: *Histórias Populares de Jaraguá* (1983)

A fim de compreender os imaginários ou visões de mundo que expressam o contexto sociocultural dos narradores, bem como discorrer sobre os significados das narrativas no cenário da literatura popular brasileira, por meio do método da análise de conteú-

do, centra-se agora identificar as temáticas mais frequentes nos enredos e proceder à sua interpretação, relacionando os diversos elementos culturais que configuram a identidade regional.

As histórias populares analisadas de conotação sobrenatural, mais especificamente de assombrações, segundo Cascudo (2014), são denominadas de encantadas, configurando uma proposta de tipificação dos contos (Quadro 1). Observa-se que a crença em criaturas sobrenaturais ou assombrações e a tradição de contar histórias plasmam-se como elementos da identidade coletiva.

Quadro 1 – Tipificação dos contos segundo Câmara Cascudo (2014)

Tipos de contos	Significação
De encantamento	Caracterizam-se pela presença do sobrenatural na narrativa: animais que de repente se transformam em príncipes; heróis que, com o auxílio de poderes superiores, realizam missões humanamente impossíveis, com a interferência de feitiçeras, fadas e talismãs.
De exemplos	Ensinam que o bem e a verdade devem sempre prevalecer na vida, às vezes, à custa de duras lições.
De animais	Relatam as aventuras dos bichos, no tempo em que os animais falavam.
Religiosos	Em que se contam histórias de santos e de Jesus.
Etnológico	Que explicam a origem de algo: o longo pescoço da girafa, a cauda dos macacos etc.
Facécias	Contos para fazer rir.
Contos de demônio logrado	Histórias em que o demônio leva sempre a pior com um pactuante humano, o qual é salvo à última hora por um elemento do sexo feminino: esposa, filha, mãe.
Contos de adivinhação	Contos em que existe a adivinhação cuja decifração dará a vitória ao herói.

continua...

Tipos de contos	Significação
Natureza denunciante	Histórias em que um animal ou mesmo certo fenômeno da natureza denunciam crimes que, sem eles, permaneceram insolúveis.
Acumulativos	Aqueles que, por certas circunstâncias, não terminam nunca ou aqueles cujos episódios se articulam em longo encadeamento.
Ciclo da morte	Contos da morte personalizada. Ela sempre vence os engodos e peripécias do homem, ao contrário do demônio logrado, que sempre é enganado e perde. Neste caso, por mais que o homem tente enganá-la, sempre tem que pagar a dívida.
Tradição	Que tratam da sabedoria popular das coisas e da natureza.

Fonte: Lima (2021), com base em Cascudo (2014).

Comumente, a centralidade das mensagens transmitidas pelas assombrações gravita em torno de uma moralidade acerca do pecado, na qual notamos a condição de punição, de forma que, dentro da concepção popular, alguma pessoa que vier a cometer alguma transgressão que fira a moral acaba se tornando uma alma penada após a morte para buscar a quitação de seus pecados. Tais discursos carregam também a função de advertir os vivos para que não incorram no mesmo erro. Grande parte das narrativas exhibe a presença marcante de um catolicismo que foi se diversificando ao longo do tempo, em um território marcado pela mobilidade de pessoas e ideias até meados do século XX.

Quanto aos costumes do início da formação da cidade, nota-se que a comunidade seguia certas regras de conduta, credences e valores morais que repercutem nas interações sociais e visões de mundo das pessoas, sobretudo as pertencentes ao ambiente social jaraguense. Vale ressaltar que, para a análise, as histórias foram divididas em dois grupos: o das que têm relação direta com a cidade de Jaraguá, relatos acontecidos na região, bem como supos-

tamente vividos pelos contadores locais; e o das que são releituras de contos já consagrados da literatura mundial, como o conto da Maria Borrallheira, visivelmente inspirado em Cinderela. Neste capítulo nós nos atemos ao primeiro grupo.

Nessa tipificação, os contos populares pautam-se diretamente pela vivência e pelas crenças da população da cidade de Jaraguá, de modo a compreender como elas, na sua materialidade linguística, se relacionam com o contexto cultural.

Contos de encantamento

Quatorze narrativas presentes nas *Histórias Populares de Jaraguá*, contadas por sete pessoas diferentes, relatam enredos embaseados nas vivências dos contadores ou na vivência de terceiros, que acabaram sendo descritas e imortalizadas pela tradição oral. Vale lembrar que, como asseveram Abílio e Mattos (2006, p. 86),

os contos populares brasileiros trazem em seu bojo influências e elementos das culturas indígena, africana e européia, o que nos permite a apreensão de certas marcas e de certo caráter de brasilidade presentes nessas narrativas.

Portanto, esperamos encontrar nessas histórias aspectos particulares que as inserem no contexto específico de Jaraguá e de Goiás.

No Quadro 2, ilustramos a divisão entre as histórias a serem analisadas, seus contadores e algumas informações a respeito delas. Dessa forma, emergem: as de mistério vivido com as crenças religiosas da época, baseadas no catolicismo; e as de assombração, que não se relacionam à religião explicitamente, embora muitas delas mesquem experiências reais com criações imaginárias.

Quadro 2 – Relação entre os contadores, suas ocupações, as histórias e a temática principal

Contadores	Ocupação	Histórias	Temática principal
Cecília Pereira de Souza	75 anos, costureira, entrevista: 28/02/1983	<i>Mané Criatura</i>	Assombração / Religiosidade
		<i>O homem que misturava água no leite</i>	Assombração / Moral
		<i>A missa dos mortos</i>	Assombração / Religiosidade
		<i>O cavaleiro da Rua das Flores</i>	Assombração / Religiosidade
		<i>A procissão dos mortos</i>	Assombração / Moral
Prudêncio Alves	48 anos, carroceiro, entrevista: 20/01/1982	<i>É o lobisomem!</i>	Assombração
Sebastião Chagas Leite	82 anos, funcionário público aposentado, entrevista: 05/01/1982	<i>O sobrado arruinado</i>	Assombração
José da Conceição Macedo	75 anos, cambista, entrevista: 20/01/1982	<i>A casa assombrada</i>	Assombração
		<i>Depois que o galo cantou, silenciou tudo</i>	Assombração
		<i>A vaca misteriosa</i>	Mistério / Assombração
Manuel Marcelino da Silva	84 anos, comerciante aposentado, entrevista: 06/01/1982	<i>A espera</i>	Assombração
Jeronima Rodrigues de Amorim	71 anos, fazendeira, entrevista: 19/01/19	<i>O cadáver do Zé Alves</i>	Assombração
Limiro Rodrigues do Prado	75 anos, lavrador, entrevista: 12/09/1982	<i>Um caso de mistério</i>	Mistério / Religiosidade
		<i>A enchente</i>	Mistério

Fonte: Lima (2021).

O encantamento e as crenças religiosas

“Mané Criatura”, história contada por Cecília Pereira de Souza com base em suas memórias e nas de seu avô, narra um momento em que em Jaraguá vivia certo homem cujo apelido era Mané Criatura, conhecido por virar lobisomem. O avô da contadora, então, acompanhado por amigos, decide apanhar o bicho. A interpretação é realizada pelo foco narrativo em terceira pessoa, sob ótica de uma narradora que não viveu os fatos, mesmo que eles, por terem sido repassados pelo avô, façam parte de sua vivência.

Inicialmente, percebe-se que a contadora tem a noção de que as histórias fazem parte de um tempo social demarcado, no qual (e só nele) as narrativas fazem sentido. Há, portanto, a explicitação de um período marcado: “no tempo do meu avô tinha lobisomem, hoje não tem mais. Ninguém fala mais em lobisomem. Naquele tempo, gente virava lobisomem, ficava com as orelhas muito grandes” (Valadares; Lima, 1983, p. 19).

Além disso, remonta-se às regras predeterminadas socialmente, de acordo com o contexto religioso da época, de como uma pessoa poderia se transformar em lobisomem: aquele que “fazia muita arte” ou “as pessoas que comessem carne na sexta-feira ou na quarta-feira da Semana Santa” ou ainda, “essas pessoas desonestas, que faziam coisas que não prestam” (Valadares; Lima, 1983, p. 19). Esses trechos apontam para o fato de a religiosidade e a moral do período regerem os costumes sociais da sociedade jaraguense e goiana. Para Rodrigues (2020, p. 315, grifos no original),

[a] lenda é uma forma de ensinamento, voltada principalmente para as crianças. “Se não se comportar o Mané Criatura aparece” ou, “se não se comportar

pode virar o lobisomem, igual Mané Criatura”. Além da maneira sinistra de educar criança, a lenda cita a natureza da cidade, como o Rio Vermelho, que foi o local onde os bandeirantes e os “negros faiscadores” encontraram ouro (ao pé da Serra) e deu início ao povoamento da cidade. Entre os anos de 1727 e 1736.

Também presentes nos contos, os apontamentos religiosos agregam aos conteúdos histórico-sociais. Em “A missa dos mortos”, Cecília Pereira de Souza narra, em terceira pessoa, a história de uma mulher muito religiosa que, justamente por isso, já havia gravado o som dos sinos da igreja na cabeça. Em um determinado dia, a mulher ouve os sinos em horário diferente do normal da missa e vai à igreja. Chegando lá, não conhece ninguém além de uma comadre que a avisa que aquela missa é “a missa dos mortos”. Então, a religiosa percebe que a própria comadre já tinha morrido anos atrás. Além da religiosidade característica do interior goiano, a narrativa, de forma sucinta, dá pistas dos modos como as mulheres deveriam se portar; de forma que, sem dar muitos detalhes, a finalização da narrativa apresenta que, após o susto na igreja ao descobrir que estava na missa dos mortos, “dizem que [a mulher] nunca mais quis sair fora de hora assim” (Valadares; Lima, 1983, p. 40). Esse trecho é significativo, pois deixa em aberto as significações presentes, uma vez que resta ao leitor (ou ao ouvinte do caso narrado) apenas o papel de construir suas próprias interpretações a respeito do que quis dizer a contadora.

Em “O cavaleiro da Rua das Flores”, Cecília Pereira de Souza, por meio de uma história de assombração, aponta certo fato que se relaciona com algumas das crenças católicas referentes à quares-

ma, nas quais há fantasmas e assombrações que rondam as roças e cidades na busca dos que não respeitam as penitências quaresmais – até mesmo o lobisomem é característico desse período. No enredo, um homem de nome João, o padrinho da contadora, vai morar em uma casa dita assombrada. Em dado dia na quaresma, ele acaba presenciando algo sobrenatural quando a assombração de um cavaleiro invade a casa assombrada. Verifica-se que em tais relatos se relacionam as características tradicionais do conto literário. Para Abdala Junior (1995, p. 18, grifos no original),

a forma curta do conto provém de um motivo interno à sua construção – o contista deve concentrar efeitos para ocasionar um determinado impacto no leitor. Toda a construção da narrativa direciona-se para propiciar esse efeito [...] para que seja possível o “impacto” no leitor, o contista deve ser bastante objetivo ao destacar o que é importante para a construção desse “impacto”.

Desde a sua introdução, a narrativa de “O cavaleiro da Rua das Flores” converge para o desenvolvimento do clímax da história, a entrada do fantasma do cavaleiro na casa, e para a criação da ambientação sombria que prende o ouvinte/leitor. A primeira parte apresenta a casa assombrada e João, professor e cético quanto ao “caso” de assombração que diziam da casa. No decorrer da narrativa, a contadora utiliza-se de algumas figuras de linguagem que imitam sons, de forma a ampliar a expressividade do discurso. Tais recursos onomatopaicos conferem mais tangibilidade à assombração que invade a casa. Por fim, a história se encerra com João, antes cético, saindo da casa e decidindo nunca mais voltar para lá.

Um ponto que vale ressaltar é que a contadora, bem como em “Mané Criatura”, insiste em explicar que se trata de um acontecimento datado, que já não faz mais sentido na sociedade atual. Para ela, “isso tudo é coisa de tempo vencido, porque agora, no tempo presente, ninguém mais fala nessas coisas. A casa onde aconteceu isso ainda existe, no mesmo lugar. Agora, mora outra família lá, que nunca contou nada” (Valadares; Lima, 1983, p. 55). Essa afirmação da contadora se relaciona diretamente com as afirmações de Abílio e Mattos, que apontam como a figura do contador pode ser encontrada até na literatura, representada por personagens que repassam histórias. Entretanto, os estudiosos sabem que essa tradição vem se perdendo. Para Abílio e Mattos (2006, p. 87),

a figura do contador ou contadora de histórias, importante na transmissão e na manutenção da memória coletiva, aparece em nossa literatura encarnada em personagens como a Velha Totônia, de José Lins do Rego, e Tio Barnabé e Tia Nastácia, de Monteiro Lobato. Entretanto, sabemos que a prática de narrar oralmente histórias e causos vem-se perdendo na sociedade de informação, onde os mais novos aparatos tecnológicos e as mídias eletrônicas substituem os encontros das comunidades para contar e ouvir histórias. Sobre isso, os autores ainda falam de um ponto interessante: o de que, por conta dessa perda de interesse na contação de histórias, há, atualmente, a tentativa de imortalizar tais narrativas em livros, como acomete a obra *Histórias Populares de Jaraguá*.

Há visivelmente aqui a exemplificação do processo de extinção da narração e do narrador, instâncias que falam sobre as experiências. Para Benjamim (1987), se o narrador retira de suas

experiências o que conta, as experiências acabam por se findar; e o mesmo ocorre com as narrativas, processo que já no início da década de 1980 parecia dar sinais na região, como podemos perceber no desabafo da contadora Maria Raimunda de Brito, em epígrafe na página sete do livro: “Eu sei história, mas... Eu sabia demais mesmo, mas agora esqueci, porque não tem pra quem contar” (Valadares; Lima, 1983, p. 7).

Limiro Rodrigues do Prado conta um caso em que fica clara a importância da religião na vida de muitos que habitavam o sertão jaraguense. Em “Um caso de mistério”, o contador narra momentos de sua vida em que ele, lavrador, sai para buscar uma vaca brava no pasto. Na sua busca, a vaca acaba o atacando, restando ao lavrador apenas esperar pela providência divina:

Quando eu acabei de apear, que pisei no chão, essa vaca fez um rebuliço lá e arrebentou as cordas e veio para cima de mim... só não me pegou porque Deus não deixou... No lugar onde eu estava só tinha capim rasteiro, não tinha uma moita pra mim esconder atrás!... Pensei: “Aqui agora é Deus” (Valadares; Lima, 1983, p. 77-78).

O contador ainda deixa claro que “o caso de mistério” trata-se de um caso em que Deus o ajudou, livrando-o da fúria do animal. Em determinado momento, a narração em primeira pessoa se dirige ao leitor/ouvinte, questionando: “Você acredita que esta vaca não teve coragem de caminhar para cima de mim?”, expressando tanto a incredibilidade do fato mágico e milagroso em sua vida como mostrando o quanto tal fato teve impacto em sua vivência, pois Limiro Prado encerra seu relato dizendo “durante muitos

anos eu fui vaqueiro, mexendo com gado, mas nunca levei qualquer beliscão de criação nenhuma” (Valadares; Lima, 1983, p. 78).

O mesmo contador apresenta um relato intitulado “A enchente”, no qual narra outro episódio misterioso de sua vivência de lavrador. Estavam ele e algumas pessoas fazendo peregrinações pelas fazendas até que certo homem chamado João da Mata entra no grupo. Só que esse homem em particular não estava interessado nas missões religiosas que o grupo estava fazendo e por conta disso, segundo o narrador, o pessoal encontra uma enchente em um rio que os impede de seguir o caminho.

É importante destacar que nesse relato encontramos um trecho que mostra o exemplo das tradições religiosas de Jaraguá: as rezas nas casas dos moradores. Limiro Prado conta-nos em seu “causo” que, “quando a gente morava na roça, costumava juntar os companheiros de vizinhança e sair cumprindo uma missão. A gente se encontrava e ia pra casa dos amigos, passeando e fazendo oração” (Valadares; Lima, 1983, p. 87). Essa é uma representação oral das vivências e memórias de acontecimentos e tradições comuns da sociedade goiana e, em especial, de Jaraguá.

A narrativa apresenta também outros aspectos da vivência no cerrado que marcam o imaginário popular, como as intempéries do clima que causam enchentes nos rios goianos. O contador diz: “Depois que andamos um bom pedaço da estrada, chegamos na beira de um córrego e demos com uma enchente. O córrego tinha crescido pelo mato adentro, ninguém podia atravessar” (Valadares; Lima, 1983, p. 88). Tal trecho nos lembra as narrativas do importante escritor goiano Bernardo Élis, cujo estilo literário é marcado pela poetização do cerrado, ao narrar contos que pintavam

tão bem a vegetação e demais aspectos do bioma. Um dos contos mais famosos do escritor é “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”, presente no livro *Ermos e Gerais*, que, em linhas gerais, narra a história de uma família que sofre com a cheia do rio Corumbá.

Se por um lado o escritor goiano enverga seu olhar para o poder objetivo e massacrante da natureza, que se relaciona diretamente com a realidade de fronteira, de limitações sociais e tecnológicas, do estado de Goiás (Dutra e Silva *et al.*, 2017, p. 99); por outro, a narrativa, fruto das experiências individuais e coletivas de Jaraguá, volta-se para o aspecto mágico e misterioso que a natureza adquire sob o olhar desses habitantes. No conto jaraguense, quando João da Mata se aparta dos demais, sem muito interesse em participar das rezas e missões, logo o grupo consegue encontrar um trecho do rio que nem chegou a ser acometido pela enchente. Conforme conta Limiro Rodrigues do Prado:

Esse foi um dos mistérios mais esquisitos que eu já vi. Acho que isso foi uma surpresa pra nós. Foi um castigo pra esse irmão velho, João da Mata. Como ele estava com má vontade, não queria fazer caridade pra ninguém, ele não pôde passar e nós ardeamos a enchente e passamos... só ele ficou interrompido (Valadares; Lima, 1983, p. 89).

O narrador ainda relaciona o mistério da enchente que presenciou com a crença popular e católica de Nossa Senhora Aparecida, muito provavelmente inspirada na *Bíblia Sagrada*, em especial no livro do Apocalipse, em que Maria aparece lutando contra um dragão:

Foi igual à estória de Nossa Senhora Aparecida... contam que Nossa Senhora Aparecida andava pelo mundo e o dragão entendeu de atingir ela, fazer uma maldade com a santa. E ela foi viajando e o dragão soltou um mar d'água atrás dela. Ela foi, pediu que ela queria a proteção de Deus naquela hora, que a terra engolis-se aquela água. Então a água diluiu na terra e o dragão perdeu todo o seu trabalho... Ele queria atingir a Virgem Maria, mãe de Deus, pra matar ela afogada, mas não sabia do mistério que ela tinha... (Valadares; Lima, 1983, p. 89).

Os conteúdos enfatizam aspectos relacionados a preceitos morais em que o elemento sobrenatural colabora com a orientação de condutas, atuando, assim, como mecanismo de controle social. Outra vertente que irrompe nas *Histórias Populares de Jaraguá* é a das assombrações, do medo e da moral. Vale ressaltar que, embora tenhamos feito essa divisão, essa vertente está relacionada à religiosidade presente no contexto específico de Jaraguá e do estado de Goiás, já que no interior é geralmente por conta dos preceitos religiosos que muitas vezes surgem alguns ideais de moral.

A segunda história apresentada no livro chama-se “É o lobisomem!” e é contada por Prudêncio Alves, carroceiro de 48 anos. Nela, o contador narra um momento específico de sua vida quando criança, em que ele vivencia uma ocasião misteriosa. Ele diz que morava próximo ao cemitério e começaram a ouvir barulhos no quintal. Então, “nessa hora que nós saímos lá pra fora da cozinha, e ivinha um trem muito preto lá na frente. Parecia um lobisomem, essas coisas” (Valadares; Lima, 1983, p. 23). Nesse relato, os acontecimentos narrados por ele ocorreram em Jaraguá: “Isso aconteceu mesmo aqui em Jaraguá, na pedreira, perto do cemitério”.

Outro “causo” de assombração é “O sobrado arruinado”, contado por Sebastião Chagas Leite, funcionário público aposentado de 82 anos. É narrado em terceira pessoa e fala de uma experiência de infância. Assim como em “O cavaleiro da Rua das Flores”, no qual as principais características relacionam-se com o conto tradicional, a história narra um homem muito rico, padrinho da mãe do contador e que cuidou dela durante sua infância. Logo no início, há um trecho que ilustra momentos históricos do estado de Goiás, quando era recorrente a vinda de trabalhadores de São Paulo e Rio de Janeiro: “o homem rico, de nome Jonas, decide fazer um sobrado e, para isso, veio trabalhador, pedreiro, de São Paulo e do Rio de Janeiro” (Valadares; Lima, 1983, p. 29).

Depois que a mãe do contador cresce, ela se casa com certo homem, o pai do contador. Entretanto, a relação deles é complicada, já que o marido dela e o seu criador, o senhor Jonas, eram brigados. O velho dono do sobrado adoece e morre. Então, a mãe do contador sonha com o senhor, que diz querer conversar com seu marido. Ela fica sem entender, já que os dois eram brigados, mas ainda assim conta o sonho para o marido, que o senhor Jonas queria falar com ele no sobrado. A mulher explicou: “O sobrado está arruinado. No oitão do sobrado, descendo dele, você vai encontrar um muro. Lá tem um muro caído, você então entra lá, no porão do sobrado e lá vocês se encontram” (Valadares; Lima, 1983, p. 31).

O pai do contador então decide ir encontrar o fantasma do velho no sobrado já arruinado. Chegando lá, encontra tudo como o velho disse no sonho: a casa destruída, já velha, e o muro caído. O homem fica com medo e começa a escutar barulhos de passos.

No fim, acaba não vendo o velho. Entretanto, o contador considera este um caso de assombração, já que tudo o que seu pai encontrou no local estava igual ao sonho da mãe.

Aí, ficou realizado o sonho de minha mãe, mesmo que meu pai não tenha visto o falecido padrinho dela. E a realização maior do sonho foi verificar que o muro estava mesmo caído. Ninguém sabia que o muro tinha caído. É uma assombração que o povo fala que houve. Mas também podia ser um barulho qualquer... não seria um rato? Embora o barulho fosse muito grande e lá não morasse mais ninguém. Então, esse negócio desse sonho é contado aqui em Jaraguá, como caso de assombração (Valadares; Lima, 1983, p. 32).

O mistério da história, segundo o narrador, se dá em virtude do sonho da mãe que “se realizou”, tratado como assombro. Análogo a esse segmento é a “Missa dos mortos”, contada por Cecília Pereira de Souza, no qual a contadora aponta possibilidades de a “assombração” não ser, de fato, uma assombração. Isso mostra que esses contadores, apesar de ainda estarem relacionados às histórias que contam, já buscam, provavelmente por causa dos costumes atuais, explicações mais racionais para as narrativas de assombração populares da cidade.

Encontramos descritos de assombração nas três histórias contadas por José da Conceição Macedo. Em “A casa assombrada”, o contador fala de algo que lhe aconteceu:

A gente estava deitado na cama, quando eu vi... veio vindo... caminhando assim... aquele caminhadão pesado. Veio, chegou lá, mexeu nas panelas e voltou pra trás... quando “ele” chegou pertinho de mim, eu fiquei

quieto assim. “Ele” veio no meu ouvido e soprou. Quando soprou, eu pulei em pé, pulei já rezando o Creio em Deus Padre. Foi aí que “ele” deu um gemido triste!... (Valadares; Lima, 1983, p. 43, grifo no original).

Assim como na maior parte das outras histórias, características das falas dos contadores reproduzem a linguagem coloquial goiana. Nesse trecho, todo o relato reflete o modo de se expressar dos goianos, pelo menos dos goianos da época. Isso nos remete ao escritor Bernardo Élis, que tinha como principal característica de suas obras a inserção do modo de falar do sertanejo.

Ao contrário do relato anterior, uma outra história de José da Conceição Macedo é em terceira pessoa, o que significa que não foi algo pelo qual ele passou, mas de que ouviu falar. Trata-se de um episódio envolvendo seu avô. A história se chama “A vaca misteriosa” e conta que havia uma vaca, de propriedade do padre da cidade, que, depois de morta, apareceu no velório do seu antigo dono: “Essa vaca já tinha morrido muito antes do Padre Silvestre morrer e, mesmo assim, apareceu no dia que ele morreu. Ela veio, apareceu, foi lá na igreja onde que ele tava e depois sumiu” (Valadares; Lima, 1983, p. 83).

Já na última história contada por Macedo, “Depois que o galo cantou, silenciou tudo”, o contador inicia a narrativa dando o contexto de sua própria vivência no campo e sua relação com as coisas esquisitas que presenciava. Diz ele: “Eu sou um homem que toda a vida não tive medo não. Mas eu já vi muita coisa esquisita. A pior coisa que eu já vi no mundo, foi na ocasião que mataram um tal Ramiro, aqui de Jaraguá” (Valadares; Lima, 1983, p. 47). E o “causo” continua com José

Macedo chegando à casa onde esse Ramiro morava e pedindo pouso para o irmão de Ramiro, que também morava lá. O pouso foi dado, mas o irmão de Ramiro deixou avisado que certo homem, de outra família, tinha jurado ir matar o resto da família de Ramiro naquele dia. Ainda assim, o narrador decide passar a noite na casa.

Nessa noite, ao se deitar, o narrador diz que ouviu barulho de gente chegando na casa. Mais que isso, coisas estranhas começam a acontecer: “quando eu vi... tudo que foi prato que tinha na casa caiu no chão e foi aquele corre-corre e aquela danação!” (Valadares; Lima, 1983, p. 48). Na continuidade, os barulhos e toda essa “danação” duraram a noite toda e só cessaram quando o galo cantou, o que pode ser relacionado também à passagem bíblica a qual narra que, quando Jesus foi preso, Pedro, seu discípulo, se arrepende, ao terceiro cantar do galo, de ter negado Cristo. O narrador ainda se utiliza de uma comparação para ilustrar como pareceu ter sido a parada abrupta dos acontecimentos inexplicáveis daquela casa: “foi o mesmo que ouvir o povo todo de uma festa saindo tudo de uma vez só” (Valadares; Lima, 1983, p. 48). Esse trecho mostra o uso aspectos de sua vivência, como as festas, para exemplificar e dar mais autenticidade ao enredo.

Por fim, José da Conceição Macedo retoma o que disse no começo da história. Antes, apontou para o fato de que não tinha muito medo dessas coisas. Ao final da narrativa, entretanto, ele fala que esse acontecimento na casa o assustou de verdade: “Tinha assombração lá nessa casa! Nesse dia, eu passei medo! Eu que não morro de medo! Nesse dia, meu corpo endureceu, ficou durinho de medo e de frio! Fiquei gelado... Eh dia que eu sofri!” (Valadares; Lima, 1983, p. 48).

O fato de o galo cantar e interromper de alguma forma os acontecimentos misteriosos ocorre também na história “Cadáver do Zé Alves”, contada por Jeromina Rodrigues de Amorim. Ela inicia a narrativa em terceira pessoa contando que um homem chamado Baltazar e seu filho saíram à noite para buscar lenha para acender o fogo no dia seguinte, o que já se relaciona com a realidade sem energia elétrica da população jaraguense da época. Enquanto cortavam lenha, encontraram um corpo, que descobriram ser depois de Zé Alves, fazendeiro rico que lidava com terras. De acordo com a contadora: “dizem que ele vivia demandando negócio de terra. Tomava terra de um, tomava terra de outro. Então, acharam que a terra não quis ele também” (Valadares; Lima, 1983, p. 70).

Depois dessa introdução, a contadora passa a relatar dado acontecimento que ocorreu com ela, quando criança, na noite em que encontraram o cadáver do fazendeiro. Ela diz que nessa noite ela dormiu e acordou com alguma coisa andando pelo quarto e pela casa de um lado para o outro, indo e voltando do quarto dos tios com quem ela morava.

Eu fiquei encolhida, me cobri. Fiquei toda encoberta, encolhida em cima da cama. E o barulho continuava, passando pra lá e pra cá na beirada da minha cama, bem um dedinho da minha cama. Eu, com aquele medo monstro, fui enfiando o dedo na fronha, fronha toda bordada, cheia de crivo. Devagarinho, fui enfiando o dedo, até que tombei o travesseiro em cima da cabeça, mas o ouvido ficou de fora. Quando acabei de tombar o travesseiro na cabeça, deu aquele sopro forte no meu ouvido. Ah! Quase que eu morro de susto, de medo! (Valadares; Lima, 1983, p. 70).

A contadora continua seu relato dizendo que aquilo continuou durante toda a noite: “então, quando o galo cantou, parou. Parou de mexer. Dizem que sempre que o galo canta, o fantasma desaparece” (Valadares; Lima, 1983, p. 71). A garota se levanta, passa mal e conta tudo o que aconteceu de noite para os tios e a empregada. Então, eles descobrem que nessa noite encontraram o cadáver do Zé Alves, de modo que a narrativa faz que o leitor/ouvinte conclua que toda a história da contadora criança tenha sido de alguma forma algo sobrenatural, um certo tipo de premonição em relação ao descobrimento do cadáver.

Manuel Marcelino da Silva conta a história “A espera”, cujo enredo versa sobre uma ocorrência com o próprio narrador e carrega características de mistério, como grande parte dos “casos” narrados no livro. O contador relata o momento em que ele e alguns cavaleiros foram a um local de espera, algo habitual naquele tempo. Subiram em árvores enquanto esperavam por caças, animais a serem abatidos. Até que algo estranho aconteceu.

Vale ressaltar que nesse relato encontramos muitos trechos que remontam à vivência no campo em meados do século XX em Jaraguá. O contador diz que “nesse lugar tinha uma estrada e beirando ela, passava os fios da linha telefônica, que seguia para o sítio do Coronel Tubertino” (Valadares; Lima, 1983, p. 59), o que remete ao coronelismo e à concentração das inovações tecnológicas da época nas mãos desses senhores ricos. No trecho: “era tempo de brotar a flor de papeira, da caraíba, que é uma flor amarela... nesse tempo, os veados gostam de sair pra perto desses arvoredos” (Valadares; Lima, 1983, p. 59), o narrador apresenta detalhes do ambiente do cerrado, a vegetação e a fauna cerratenses.

Além desses aspectos pontuais das características do cerrado, o contador apresenta a natureza misteriosa dos acontecimentos que ocorreram com ele e os demais cavaleiros. Ele diz que, chegando ao local da espera, amarraram os cavalos e subiram nas árvores para esperar. Então, surgiu um barulho grande e depois, um grito que saiu rugindo pelo cerrado como se viesse com o vento: “o ‘bicho’ passou por nós, mais parecendo um cargueiro, carregado com uma bruaca, fazendo ‘jau’... ‘jau’... ‘jau’... passou por nós e desceu lá para o lado do Rio das Almas” (Valadares; Lima, 1983, p. 61). Eles começaram então a rezar e fugiram do local. Depois de seis anos, o contador diz que isso aconteceu novamente: “o mesmo espírito que saiu em cima de nós, lá por perto do Rio das Almas, tinha voltado, depois de passado seis anos” (Valadares; Lima, 1983, p. 62).

O narrador descreve que o fator sobrenatural do ocorrido não se resume necessariamente aos acontecimentos, mas à falta de explicação para tudo o que ocorreu. Ele diz que “a única coisa que eu já vi na minha vida que pode ser visão do sobrenatural foi isso”. Esse fato se relaciona com o que diz Rodrigues (2020, p. 312) ao afirmar que

o imaginário criava vida para fatos inexplicáveis, dava lições em crianças desobedientes e contava as histórias sobre o surgimento de um povo, de uma sociedade. É uma mistura dos fatos reais com a criatividade do ser humano, as lendas fazem parte da memória e constituem a identidade cultural de uma sociedade.

Em “O homem que misturava água no leite”, Cecília Pereira de Souza conta outra história de assombração. Esta apresenta um perfil moralizante, pois narra que havia muitos fazendeiros que

vendiam leite, “só que eles misturavam água no leite pra vender” (Valadares; Lima, 1983, p. 35). Com isso, acabaram ficando muito ricos. Um desses fazendeiros morreu; depois, ficaram sabendo que ele era muito ruim com os empregados. Diziam então que sua fazenda ficou assombrada; todo mundo que passava por lá ouvia a voz do fazendeiro dizendo “comé que aparta o leite da água?”.

O enredo diz que certo homem, ao passar lá, respondeu à voz fazendo a mesma pergunta; “dizem que a assombração nunca mais apareceu lá. Depois disso, outras pessoas compraram a fazenda. A assombração aparecia antes porque aquele homem fazia coisa errada” (Valadares; Lima, 1983, p. 36). Como muitas do gênero, essa narrativa reflete a questão da moralidade quando relaciona os acontecimentos inexplicáveis de assombrações com a possibilidade de a pessoa ter sido ruim em vida.

A explicitação da moral daquela época em Jaraguá encontra-se também em outra história da mesma contadora, intitulada “A procissão dos mortos”. Nesta, narrada em terceira pessoa, Cecília de Souza conta que havia uma moradora da cidade que vivia na janela de sua casa observando tudo o que acontecia, “pra explorar a vida dos outros, pra falar da vida alheia. Essa mulher só vivia falando, olhando, murmurando. Falava de um, de outro, de moça, de tudo” (Valadares; Lima, 1983, p. 65). Segundo a narradora, isso se repetia durante todo o dia, desde a manhã até a meia noite. Entretanto, em determinado dia, algo misterioso aconteceu: “Um dia, dizem que quando ela estava na janela, passou bem em frente uma procissão. Era uma procissão muito grande. Ela ficou olhando um, olhando outro, mas não reconheceu ninguém” (Valadares; Lima, 1983, p. 65).

Uma das pessoas da procissão, uma moça, se aproxima da mulher fofqueira, entrega-lhe algumas velas e diz à mulher para que as guarde até o dia seguinte. Só que essas velas, na verdade, eram ossos, e a mulher ficou assustada a noite toda. No dia seguinte, a moça aparece e diz: “Olha, escuta aqui. Isso aqui é uma procissão dos mortos. Essas velas são ossos de quem já morreu. Você não fique na janela mais, explorando a vida dos outros não, porque isso é muito feio, é muito ruim, é até pecado” (Valadares; Lima, 1983, p. 66). Percebemos, assim, a influência da moral nessa história popular de Jaraguá.

Considerações finais

As histórias populares constituem narrativas que integram a riqueza cultural de grupos sociais específicos. Elas agregam elementos das experiências de vida e contribuem para forjar identidades, sejam individuais ou coletivas. Neste estudo, a cultura se apresenta de forma ampliada e a identidade regional se apoia no inconsciente coletivo, pois em qualquer grupo social o comportamento coletivo é elaborado gradativamente e funciona de maneira quase inconsciente.

Desse modo, investigamos as narrativas compiladas no livro *Histórias Populares de Jaraguá* como expressões dos moradores desse município, que, mediante procedimentos mentais, interpretaram os acontecimentos cotidianos da vida construindo imaginários com utilidade prática e dotados de sentido histórico, tomando por base, em especial, suas vivências, percepção de mundo e modo pelo qual orientaram suas vidas. Neste estudo, buscamos situar o supracitado livro como fonte histórica de pesquisa, por meio da

qual é possível examinar a comunidade humana nesse lugar e tempo histórico-social demarcados. As histórias contidas nessa obra constituem-se como meio de acesso a uma dada realidade pela decifração dos discursos produzidos na época e que permeiam as narrativas, pois a obra e suas histórias podem ser vistas como “testemunho” e “discurso” do período histórico-social abarcado.

Nessa perspectiva, ao estabelecer o diálogo com a micro-história, nossa investigação constitui-se como releitura da realidade social por meio das histórias contadas, sendo possível até inferir sobre as biografias de seus narradores, personagens anônimas. Dentre os desdobramentos, revelou-se, com base no modelo de historiografia totalizante, o lugar da memória, conjunto de significados relacionados com a cultura local, traduzido nas histórias obtidas pela pesquisa oral há mais de 35 anos. A micro-história tornou-se um procedimento metodológico marcado por particularidades no tratamento do conhecimento histórico, de modo a representar a renovação dos procedimentos analíticos. Significou ainda a escolha de uma escala de observação baseada na convicção de que ela oferecia a possibilidade de enriquecer as interpretações dos processos históricos, por meio da renovação radical das categorias interpretativas.

Esta investigação está assente nos estudos interpretativos de motivações decorridos de interesses genuínos e teoricamente articulados com a transformação social, esta permeada de oportunidades do protagonismo social e da própria definição mais concreta dos “sujeitos” da história. A micro-história marca a veemência das relações sociais e significados culturais, aproximando a História cada vez mais da Antropologia. A revolução metodológica promo-

vida pela história cultural, e micro-história como seu desdobramento, é visto como momento em que ocorre a descoberta do povo assim como da produção artística que realizam.

A preocupação de produzir conhecimentos que envolvam as pessoas comuns e que não se restrinjam às questões econômicas e políticas, mas que englobem diversos segmentos sociais balizaram os referidos campos metodológicos. Por essas vias, o estudo das culturas abandona os temas generalizantes para se concentrar em questões de grupos particulares em momentos específicos, o que possibilita ao pesquisador melhor compreensão das relações que envolvem esses indivíduos, permitindo assim o conhecimento daquilo que é a essência da vida para determinadas comunidades.

A análise e a interpretação das histórias populares de Jaraguá ilustram as contradições do mundo rural e da formação do espaço agrário regional. Nas histórias encontram-se vestígios do tempo histórico que o povo jaraguense percorreu. Nesse aspecto, tais narrativas constituem relevante legado histórico e cultural da cidade, visto que unem gerações de épocas diversas, criadas ou adaptadas para explicar situações que dizem respeito às regras de sociabilidade vigentes naquela comunidade. Assim, vimos que o fator encantamento, frequentemente utilizado na literatura maravilhosa, pode ser explorado para se falar das relações de representação e de suas implicações com a História e a Memória no processo discursivo. Despertamo-nos para o mundo de “causos” e histórias do folclore jaraguense, suas fantasias remotas de assombrações, fadas e almas penadas.

Referências

- ABDALA JÚNIOR, Benjamim. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Scipione, 1995.
- ABÍLIO, Eleonora Cretton; MATTOS, Margareth Silva de. Letramento e leitura da literatura. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 50-52.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. *Mouseion*, Canoas, n. 12, p. 129-159, mai./ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/332>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 165-196.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global Editora, 2014.
- DUTRA E SILVA, Sandro; BANDEIRA, Aurea Marchetti; TAVARES, Giovana Galvão; MURARI, Luciana. O cerrado goiano na literatura de Bernardo Élis sob o olhar da história ambiental. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1 p. 93-110, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/QMyqHNZ8yWrgdTJsGcyTs cM/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2021.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. p. 133-162.

LIMA, Valto Elias de. *Memórias encantadas: testemunhos de um tempo nas histórias populares de Jaraguá (Goiás – 1983)*. 2021. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Unidade Universitária de Anápolis - Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História: revista do programa de estudos pós-graduados de História*, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

PEDROSO, Dulce Madalena Rios. Memória emprestada: o fundador de Pirenópolis é o mesmo de Jaraguá? In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA (org.). *Parceiros da história: Jaraguá*. Goiânia: Kelps, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RODRIGUES, Gisela Genaro. As lendas jaraguenses e sua importância para a preservação da memória, identidade e patrimônio cultural da cidade de Jaraguá-GO. In: FREITAS, Fátima Regina Almeida de; VIEIRA, Marisa Damas; DIAS, Welbia Carla (org.). *Patrimônio, direitos culturais e cidadania: propostas, práticas e ações dialógicas*. Goiânia: Cegraf UFG, 2020. p. 311-317. *E-book*. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/eipdcc-propostas-pratica-acoedialogicas/artigos/artigo28.html>. Acesso em: 22 out. 2021.

SANTOS, Leila Borges Dias. Bernardo Élis: perfil intelectual e literário. In: BRITO, Tarsilla Couto de; FLORES JUNIOR, Wilson José (org.). *100 anos de Bernardo Élis*. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALADARES, Ione Maria de Oliveira; LIMA, Nei Clara de (org.). *Histórias Populares de Jaraguá*. Goiânia: Centro de Estudos da Cultura Popular, UFG, 1983.